

# ***A mudança da capital: representações das cidades candidatas à capital mineira***<sup>1</sup>

**Cláudio Guillarduci**

**Coordenador do Laboratório Teórico-Prático do Brincar-la-brinc/UEMG,  
doutor em Teatro (UNIRIO) e professor da Universidade do  
Estado de Minas Gerais-UEMG/Barbacena.**

**claudio.guillarduci@uemg.br**

## **Resumo**

No ano de 1893, em São João del-Rei, foi escrita e encenada a primeira peça de teatro de revista, intitulada *A mudança da capital*, de Modesto de Paiva. A peça tem como *leitmotivos* disputas políticas entre as cidades que pleiteavam sediar a capital de Minas Gerais. Especificamente, esta reflexão tem o intuito de discutir as imagens representacionais elaboradas para essas cidades a partir de uma contextualização desse gênero teatral e da cidade são-joanense.

**Palavras-Chave:** teatro de revista; a mudança da capital; São João del-Rei.

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte dos resultados da pesquisa de doutoramento “A cidade de São João del-Rei nas entrelinhas dos manuscritos do teatro de revista na Belle Époque: um testemunho da história cultural são-joanense, realizada durante o período de 2006 a 2009 no PPGT/UNIRIO, sob a orientação da professora Dra. Evelyn Furquim Werneck Lima, com financiamento da FAPEMIG/PCRH.

## Introdução

A primeira peça de teatro de revista escrita e encenada na cidade de São João del-Rei, de acordo com Antônio Guerra (S./d., p. 79), foi *São João* ou *A mudança da capital*<sup>2</sup> (1893), de Modesto de Paiva<sup>3</sup>, com cenários de Matheus Santos e números musicais do maestro são-joanense Carlos José Alves. Dessa peça, o presente artigo privilegiará os diálogos entre as cidades candidatas apresentados da Cena 2 do Ato 1 e seus possíveis desdobramentos. Para melhor entendimento, é importante contextualizar o período histórico em que a peça foi encenada, pois além de ela fazer alusões à Capital Federal, seu enredo apresenta um episódio político relevante do final do século XIX: a escolha da cidade que iria sediar a capital mineira.

São João del-Rei, nesse período, mesmo com sua estrutura cultural barroca, via-se como importante polo capaz de representar Minas Gerais como um Estado moderno e republicano, apesar da existência do discurso político que afirmava que, para ser moderno, era necessário negar tudo aquilo que representava o passado.

O projeto da capital foi desenvolvido em meio a uma crise política com diferentes interesses e facções, a favor ou contra a república, inclusive com propostas separatistas. Após inúmeras negociações entre o governo do Estado e as facções políticas, ficaram definidos dois possíveis lugares: o arraial de Belo Horizonte, que era um distrito de Sabará, e a região da Várzea do Marçal, em São João del-Rei.

O engenheiro responsável pelo projeto, Aarão Reis, tinha preferência pela Várzea do Marçal.

Na primeira sessão, realizada no dia seguinte, [23 de novembro de 1893], a comissão especial apresentou à consideração daquela corporação seu parecer e projeto, datados de 26 do mesmo mez de

<sup>2</sup> Caderno manuscrito – verso e anverso das folhas – e incompleto, faltando as cenas finais.

<sup>3</sup> Modesto de Paiva também escreveu as peças: *Fica Teresa* (1884), comédia em 1 ato; *A onça* (1897), revista em 3 atos e *Falei bem ou falei mal?* (1903), revista em 3 atos. Foi autor dos livros *Canções do ermo* (1877) e *Noites de insônia* (1892).

sua eleição, designando para capital Várzea do Marçal, lugar em favor do qual, como viram os leitores, optou o dr. Aarão Reis, em seu relatório. Esse projeto marcava o prazo máximo de 4 anos para a definitiva transferência do governo e dava autorização ao presidente do Estado para mudar provisoriamente a sede da administração para qualquer ponto do estado si o interesse publico assim o exigisse (LINHARES, 1905, 373-4).

Como os dois locais eram adequados e as dificuldades de construção poderiam ser vencidas pela engenharia da época, o projeto ficou somente na esfera da disputa política, espaço de luta no qual o engenheiro não teve participação.

Na Assembleia, a votação foi dividida a partir de três facções políticas: uma contra a mudança da capital e duas a favor, mas que divergiam quanto ao lugar que deveria sediar a capital. A facção ganhadora foi a que defendeu a região do Curral del-Rei, mas essa defesa não foi pelo discurso do melhor lugar; na realidade, foi o voto daqueles que não acreditavam na execução do projeto.

Alcunhado de *'papudópolis, cretinópolis, poierópolis e formigópolis'*, julgava-se ser materialmente impossível realizar-se tal empreendimento no prazo de 4 anos – 1893/1897 – o que não aconteceria em relação à outra localidade, a Várzea do Marçal, o que levou os antimudancistas a votarem a favor do Curral del Rei (GUIMARÃES, 1996, p. 125).  
*Grifos da autora.*

Inicialmente denominada *Cidade de Minas*, a capital foi inaugurada no dia 12 de dezembro de 1897, pelo então presidente do Estado Chrispim Jacques Bias Fortes.

No dia 26 de agosto de 1893, talvez sabendo das preferências do engenheiro Aarão Reis pela localidade de Várzea do Marçal para sediar a capital do Estado, mas ainda sem o desfecho de todo o jogo político e, logicamente, sem a escolha definitiva do local da nova capital, estreou em São João del-Rei a peça de teatro de revista *A mudança da capital*, que apresentava as cidades envolvidas na disputa para sediar a capital: São João del-Rei (Várzea do Marçal), Belo Horizonte, Juiz de Fora, Ouro Preto, Barbacena e Vale do Paraúna.

## O teatro de revista na Capital Federal da época

Na Capital Federal, o teatro de revista já havia se instalado desde o final da década de 1850 com a peça *As surpresas do Sr. José Piedade*, de Justino Figueiredo Novaes, no Teatro Ginásio. É consenso entre pesquisadores que os primeiros ensaios do teatro de revista somente se proliferaram a partir da década de 1870 e que Arthur Azevedo foi o responsável por seu estabelecimento. Tanto que, após seu retorno de uma viagem pela Europa – França, Espanha e Portugal –, em parceria com Moreira Sampaio, é que o gênero teatral revista se solidificou com as peças *O Mandarim* (1884), *Cocota* (1885), *O Bilontra* (1886), *O Carioca* (1887), *Mercúrio* (1887) e *O Homem* (1888). No ano de 1889, Arthur Azevedo escreveu com Aloísio de Azevedo a peça *Fritzmac*. Um dos marcos históricos do teatro desse período foi a peça *O Tribofe*, de 1892. Seu enredo conta a história de uma família do interior de Minas que, em visita à Capital Federal, tenta encontrar o noivo da filha.

Além das peças escritas por Arthur Azevedo, em parceria ou sozinho, outros autores também auxiliaram na consolidação do gênero revisteiro no Brasil. Entre eles, é possível mencionar Oscar Pederneiras, que, além das peças *Zé Caipora* (1887), *Boulevard da Imprensa* (1887), *1888* (dezembro de 1888), *Bendengó* (1889), inseriu um novo elemento na encenação desse gênero a partir das observações que realizou ao assistir à peça *La gran via*. A revista europeia trazia coreografias em que as coristas dançavam “seguindo rotinas bem marcadas” durante a apresentação de suas músicas, possibilitando um “espetáculo visual fascinante”. Pederneiras parodiou a peça madrilenha no espetáculo *O Boulevard da imprensa*, colocando em cena “como centro de ação, pela primeira vez, as três sociedades carnavalescas do Rio de Janeiro: Democráticos, Tenentes e Fenianos” (PAIVA, S., 1991, p. 84). O enorme sucesso da paródia pode ser creditado ao seu caráter festivo, movimen-

tado e envolvente, semelhante ao entusiasmo que o carnaval provocava nos clubes cariocas.

Talvez esse caráter festivo e envolvente presenciado no Rio de Janeiro também tivesse sido responsável pelo sucesso que obteve a peça são-joanense *A mudança da capital*, pois era uma “immitação da Gram-via”. Em São João del-Rei “esta revista foi levada à cena 9 vêzes, pela Companhia Silvério Cunha, o que naquele tempo era um recorde formidável, comprovando o entusiasmo do público pela revista” (GUERRA, s/d., p. 79). Ainda de acordo com Guerra (*idem*, p. 66), a peça *La gran vía* foi representada em São João nos dias 1º e 3 de novembro de 1888, com músicas de Chueca e Valverde. O teatro teve lotação esgotada nos camarotes, nas cadeiras e nas torrinhãs.

Essa peça não foi a única em visita à cidade de São João, pois inúmeras foram as companhias teatrais que apresentaram operetas, dramas, comédias, farsas etc. São João del-Rei foi, “durante os séculos XVIII e XIX e, em certa medida, durante as primeiras décadas do século XX, um importante centro de atividades teatrais no Estado de Minas Gerais” (ROCHA JÚNIOR, 2002, p. 261). Regina Horta Duarte (1995, p. 140) afirma que

assim como os teatros de Ouro Preto e São João del-Rey brilhavam aos olhos dos habitantes de outras cidades mineiras, a vida cultural da Corte aparecia como algo mágico para a população das outras províncias.

Portanto, o enorme sucesso, na Capital Federal, das peças *La Gran via* e *Boulevard da imprensa* possivelmente influenciaram na escolha do gênero revista para falar sobre o momento em que vivia a cidade são-joanense. Assim como os padrões de civilidade europeus eram revividos na Capital Federal, com a intenção de incluir o Brasil na lista dos países civilizados, os mineiros também tentavam se aproximar do Rio de Janeiro com a mesma finalidade.

Roger Chartier (2006), em seu artigo *El pasado en el presente*, faz uma discussão entre as elaborações representacionais do passado que a literatura e, em especi-

al, o teatro, produzem em suas narrativas ficcionais e o trabalho historiográfico para a construção de um saber histórico dessas mesmas narrativas. A partir dessa discussão torna-se possível perceber, no próprio texto teatral, ou melhor, na cena representada, como as apropriações sociais e culturais foram realizadas na peça *A mudança da capital* na elaboração ficcional da própria cidade.

Múltiples son las formas de las negociaciones que permiten semejante captura estética del mundo social: la apropiación de los lenguajes, el uso metafórico o material en el caso del teatro de los objetos de lo cotidiano, la simulación de los ceremonias y discursos públicos. Por otro lado, la energía transferida en la obra literaria – lo que Greenblatt designa como “the social energy initially encoded in the literary works” [“la energia social codificada em las obras literarias”] o em outra fórmula “the aesthetic forms of social energy” [“las formas estéticas de la energía social”] – volve al mundo social a través de sus apropiaciones por sus lectores y espectadores (CHARTIER, 2006, p. 8).

Uma questão que se torna importante para analisar a referida peça teatral são-joanense é entender os motivos pelos quais, devido à importância temática da peça, a cidade de São João del-Rei, por meio de um autor<sup>4</sup>, inaugura o teatro de revista especificamente para representar a cidade no momento de uma efervescência política que definiria diretrizes do Estado. Pode parecer incoerência, pois é justamente o teatro cômico e popular que será o porta-voz artístico da cidade nas discussões sobre o destino político de Minas e, por conseguinte, da cidade de São João del-Rei.

Naquela ocasião, conforme Regina Horta Duarte (1995, p. 152), pelas diretrizes do Decreto 4.566, de 4 de janeiro de 1871 - que instituía o Conservatório Dramático na Corte com a função de “restaurar as boas normas da literatura e da arte dramática do theatro brasileiro” –, as peças teatrais, antes de serem encenadas, deveriam ser entregues à Polícia e à Câmara para análise, no mínimo quinze dias antes da montagem. A licença do espetáculo seria dada com

---

<sup>4</sup> Autor é aqui entendido como um indivíduo que foi capaz de agrupar discursos. É o que Foucault (2008) denomina princípio de rarefação.

a aprovação do seu valor literário e moral. Os improvisos – falas e gestos – obscenos seriam punidos com multa, suspensão do espetáculo e prisão.

Nessa mesma linha de pensamento, o Código de Posturas de São João del-Rei (1887, p.150) salientava em seu Art. 150 que

todos os que quizerem representar comédias e fazer outros divertimentos para seu interesse (a excepção de presepios que ficam absolutamente prohibidos), o poderão fazer nos logares publicos ou casa particulares, contanto que não offendam á moral e bons costumes, precedendo licença da câmara e consentimento da autoridade polioicial, a quem será previamente apresentado o programma, mediante o imposto que para esse fim estiver estabelecido. Os infratores de qualquer destas condições serão multados em 30\$; além de multa, sofrerão oito dias de prisão, na reincidencia.<sup>5</sup>

*A mudança da capital*, dessa forma, apresenta indícios tanto da luta política entre as cidades com interesse em sediar a capital mineira quanto da própria cidade são-joanense daquele período. Portanto, as impressões de que São João del-Rei possuía os atributos modernos para sediar a capital, as qualidades de uma cidade capaz de negociar não só a transição política e as mudanças geográficas do Estado, mas também ser uma cidade capaz de agregar todos os municípios mineiros são exaustivamente citados durante o enredo da peça.

Outro aspecto importante da cultura são-joanense é a relação entre a música e o teatro.

Se a revista foi um dos gêneros mais cultivados pelos autores locais, isso não significa que foi o único gênero de teatro musicado estimulado e apreciado pela população. Foram apresentadas várias operetas, comédias musicadas, burletas, *vaudevilles* etc. (ROCHA JÚNIOR, 2002, p. 263).

Essa relação teatro-música é um importante elemento para a escolha do teatro de revista como o gênero teatral responsável por apresentar a cidade candidata à capital

<sup>5</sup> O Código estabelecia que espetáculos públicos com o objetivo de obtenção de lucro – representações dramáticas, concertos, corridas de touro etc. –, com exceção de espetáculo com fins pios ou de sociedades dramáticas particulares, teriam o valor de 10\$000.

mineira. As peças *La gran via* e *Boulevard da imprensa* sintetizaram, no palco, elementos culturais vividos intensamente em São João del-Rei desde o século XVIII com as suas estruturas sócio-político-culturais barrocas. A música e as festas – sagradas ou profanas – além, obviamente, do espetáculo visual e da movimentação cênica estão presentes na cultura são-joanense desde as festas do século XVIII patrocinadas pelas Irmandades religiosas.

### A cidade de São João del-Rei e A mudança da capital



Fonte: Acervo Antônio Guerra. Grupo de Pesquisas em Artes Cênicas GPAC/UFSJ. Reprodução Cláudio Guillarduci.

A peça *A mudança da capital* começa com a apresentação das cidades – Juiz de Fora, São João del-Rei, Barbacena, Vale do Paraúna, Belo Horizonte e Vargem do Marçal – por meio de uma música cantada em coro. O cenário, de acordo com a rubrica, é uma antessala do Congresso mineiro, em Ouro Preto.

Somos cidades de Minas  
E lugares afamados  
Geralmente indigitados  
Para a nossa Capital.  
Viemos saber se o Congresso  
Na actual reunião,  
Desta feita desenrola  
Tão intrincada questão  
Toda à gente do paiz,  
Diz,  
Que a cousa não vai bem,

Tem,  
De haver cobras e lagartos,  
Que Ouro Preto não se cansa  
De dizer que tal mudança  
Muito e muito mal lhe faz,  
Mas  
Que afinal há de ceder  
Porque o poder é o poder!  
Alem disso, a certas horas  
Quanto tudo já repousa  
Pelas ruas da cidade  
Acontece cada coisa...  
Apezar das Capystranas<sup>6</sup>,  
Quem não andar de bastão  
Para escorar-se nas pernas,  
Irá de ventas ao chão.  
Que Deus livre-nos enfim,  
De uma Capital assim!  
Por conseguinte o Congresso  
Na actual reunião  
Não fará de modo algum  
Protelar-se esta questão  
Vamos pedir  
aos congressistas.  
Bons patriotas  
E não farcistas.  
Que sem demora  
Seja votada  
Essa mudança  
Tão desejada

Terão applausos  
De toda a gente  
Nessa cruzada  
Independente.  
Minas inteira  
De sul a norte  
Applauda o feito  
De vida e morte

Temos nós ricas cidades  
Florescentes, primorosas,  
Tão lindas e magestosas  
Para a nova Capital Somos férteis, invejáveis  
Productivas, importantes,  
Sem fallar nas verdejantes  
Lindas vargens do Marçal

Por isso contamos  
Com grande prazer  
Que o tal Ouro Preto  
Havemos vencer.

---

<sup>6</sup> A palavra capistranas faz referência ao nome do Presidente da Província de Minas Gerais, no período de 1877 a 1888, João Capistrano Bandeira de Melo. Expressão mineira que significa pavimentação, espécie de calçada, no centro da rua.

Trá, lá, lá  
Se ha um chinfrim,  
Se ha um banzé  
Nenhuma casa  
Fica de pé.  
Te a columna  
Que custou tanto  
Espeta-se ahi  
Em qualquer canto!  
Fiquem sabendo  
Em conclusão  
Nesta questão  
Que a Capital não fica  
Por mais tempo em Villa-rica (PAIVA, M., 1893, f.1-3v).

Nessa música é possível observar as formas de tratamento que serão utilizadas para representar, de forma cômica, as cidades. Ouro Preto estará, insistentemente, vinculada à imagem de uma cidade cujos logradouros impossibilitam o tráfego dos pedestres devido à pavimentação das ruas e praças como o famoso “pé-de-moleque”, ou seja, seixos rolados muito irregulares que revestem as inúmeras ladeiras.

A Cena 2 desse mesmo ato, objeto de análise deste artigo, corrobora a afirmativa das imagens representacionais que cada uma das cidades irá elaborar para a outra. Por isso, a citação integral do diálogo entre as cidades torna-se relevante.

S. JOÃO D'EL-REI – Calla-te, intrometido!... É a mim que compete fallar em primeiro lugar, e não a ti que fallas no papo.  
JUIZ DE FORA – Pudera!... se é *Bello Horizonte a terra dos papudos...*  
TODOS – Ah! Ah! Ah!  
B. HORIZONTE (à Juiz de Fora) – Sou papudo sim, é verdade: *mas não sou mercador de pomadas* com tu. (A S. João) Não sou como tu também, hypócrita, que só te fazes rodear de *uma súcia de beatas encaipotadas de papa-missa e resadeiras de terço*, que não saem das igrejas; de *malandros que vivem pendurados no badallo dos sinos*, atormentando assim os ouvidos dos viajantes civilizados apenas desembarcam na Estação da Estrada de Ferro do Oeste.  
BARBACENA – Tens razão! *Semelhante badalogia* já inspirou até um magnífico soneto ao primoroso autor dos “sonetos e sonetinhos”<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Padre Correia de Almeida (José Joaquim Correia de Almeida). Publicou o primeiro volume de *Sonetos e Sonetinhos* em 1884 e o segundo no ano de 1887 (Cf. FONSECA, 2003).

S. JOÃO D'EL-REI – Calla-te, também, desenxabida. Em vez de Barbacena ficava-te melhor o nome de: *Cidade da ventania!*

BARBACENA – mas apesar disso sou mais visitada do que tu pelos imigrantes da Capital Federal no tempo do verão.

J. DE FORA – Barbacena tem toda à razão! *S. João d'El-Rei é um lugar inhabitado por causa de tantos dobres e repiques de sinos.*

S. JOÃO D'EL-REI – E tu, orgulhoso, já te julgas uma grande cousa, por teres uma companhia de bonds que mal vai dando para o custeio, e projecto de uma Academia de Commercio que afinal de contas deu em água de barrellas.

V. DO MARÇAL – Callem-se, tagarellas!... Vocês fallam mais do que o preto do leite ou do que o João Garcia quando está na Leleia!

J. DE FORA – E quem te chamou aqui?! *Era melhor que cuidasse nas tuas poeiras atmosfericas, ou então nos teus lençoes d'água,* que poderão servir para outras cousas, menos para a cama da Capital.

V. DO MARÇAL – Oh! *Pomadista d'uma figa!*... Olha que se continuas, estampaste *com os cinco mandamentos no frontespicio*<sup>8</sup>, que te desconcerto a cimalha.

J. DE FORA – Pois encosta, se és capaz! Olha que eu sou filho da cabocla velha do Parahybuna e nunca tive medo de caretas!..

V. DO MARÇAL – E eu sou da *familia das papa laranjas* ouviste?

J. DE FORA – (gesto de capoeira) Agüenta mulata!

V. DO MARÇAL – (pó mesmo) Encosta Chico!

PARAÚNA – Então, meus amigos!... moderação... modos, rasão... Nada se faz com rasteiras e cabeçadas!

B. HORIZONTE – Olhem a Paraúna apaziguando a briga!.. Elles que nem ao menos tem as honras de um lugar civilisado; que não é nem cidade, nem villa e nem aldeia!... (rindo) Ah! Ah! Ah!... *Tem graça o Juiz de Paz da Roça!*

S. JOÃO D'EL REI – Tem toda a razão, a Vargem do Marçal!

J. DE FORA – Cala essa boca d'ahi, *jesuíta sem critério!*

S. JOÃO D'EL-REI – O que?... Olha que commigo estás rodado! Para dar cabo de vocês todos basta-me só o meu povinho da Oeste.

TODOS – Fora a beata!... Fora a resadeira!

S. JOÃO D'EL REI – Bem; eu vou embora, mas antes disso vou vêr se encontro alli na loja da esquina umas follinhas eclesiásticas e de Mariana,

<sup>8</sup> Os cinco Mandamentos da Igreja são: "Participar [da] missa inteira nos domingos e festas de guarda"; "Confessar-se ao menos uma vez por ano"; "Comungar ao menos pela Páscoa da ressurreição"; "Santificar as festas de preceito" e "Jejuar e abster-se de carne, conforme manda a Santa Mãe Igreja".

encomenda que me fez a Empreza Funerária de Modesto de Paiva e Irmãos (sai fazendo caretas).  
TODOS – Fôra!... fôra a beata!... (PAIVA, M., 1893, f.4-7). *Grifos meus*.

Belo Horizonte é nomeada como a *terra dos papudos*. Essa expressão está vinculada a um discurso médico, pois a região onde se pretendia construir a capital mineira também era conhecida como o antigo “arraial dos papudos” com habitações infestadas de barbeiros que proliferavam a doença de chagas, além da existência do bócio endêmico devido à falta de iodo na alimentação (ARAÚJO, 2004, p. 131-33).

A cidade de Juiz de Fora é qualificada como a terra dos *mercadores de pomada*. Tal expressão, possivelmente, ficou limitada ao período da peça, pois na literatura da história de Juiz de Fora ou de Minas não existem referências sobre essa expressão. Em outra fala dessa mesma cena citada acima, acentua-se o caráter mercadológico juiz-forano, caracterizando-a como uma cidade que, apesar de possuir bonde<sup>9</sup> e Academia de Comércio (1891), apresentava, na realidade, um progresso limitado. Interpreta-se a expressão “mercador de pomada” como um insulto à cidade.

De acordo com a historiografia econômica juiz-forana, existem duas correntes que analisam o período abarcado pela peça teatral. A primeira está alinhada com as discussões feitas por João Heraldo Lima (1971). Suas pesquisas foram realizadas a partir de dados comparativos entre a cafeicultura paulista e a da Zona da Mata. O referido autor defende a ideia de que Juiz de Fora, mesmo sendo o maior mercado cafeeiro mineiro, não foi capaz de gerar riqueza suficiente para movimentar a indústria e o sistema bancário, pois seus excedentes, provavelmente, ficavam no Rio de Janeiro. Já a segunda vertente, mesmo contradizendo a corrente anterior ao apresentar números inferiores aos demonstrados por Lima, afirma que a lavoura cafeeira juiz-forana foi capaz de transferir seu capital para outros setores da vida urbana; no entanto, essa retenção foi insuficiente para alavancar a

<sup>9</sup> A primeira linha do bonde de tração animal foi inaugurada pela Companhia Ferrocarril Bondes de Juiz de Fora em 15 de novembro de 1881.

economia da cidade mineira, que permaneceu dependente do Rio de Janeiro (PIRES, 2004, p. 1-17).

Nesse sentido, quero crer que a peça *A mudança da capital*, ao se referir a Juiz de Fora como a cidade de *mercadores de pomadas*, está, na realidade, fazendo alusão ao texto *O segredo do Bonzo*<sup>10</sup>, de Machado de Assis, publicado na obra *Papéis avulsos* (2007, p. 102-8). Nela o escritor utiliza o termo pomada e pomadista<sup>11</sup> para sugerir a construção do discurso mentiroso feito por seus personagens, pois “uma coisa pode existir na opinião, sem existir na realidade, e existir na realidade, sem existir na opinião, a conclusão é que das duas existências paralelas a única necessária é a da opinião, não a da realidade, que é apenas conveniente” (ASSIS, 2007, p. 105).

O conto machadiano analisa o discurso dialético criado a partir das oposições entre a verdade e a mentira. Na constituição do discurso é importante a presença, num processo interativo, tanto do sujeito que fala quanto do receptor. O próprio Bonzo afirma que “não há espetáculo sem espectador” (ASSIS, 2007, p. 104). Nesse sentido, o conto, de forma irônica, questiona determinadas formas manipuladoras existentes na cultura.

Pensar o conto *O segredo do Bonzo* como possibilidade de qualificar Juiz de Fora é afirmar que essa cidade, mesmo produzindo um excedente no seu processo de acumulação de capital, não conseguiu transferir para outras esferas econômicas, principalmente a urbano-industrial, recursos para se desenvolver. Ou seja, o caráter pomadista reside na intenção discursiva de criar uma imagem de cidade próspera e rica, mas que, na realidade, tinha uma economia incapaz de alavancar o progresso. Mesmo com essas

---

<sup>10</sup> O conto *O segredo do Bonzo* tem como subtítulo *Capítulo inédito de Fernão Mendes Pinto*. Esse conto machadiano é uma paródia às aventuras realizadas por esse capitão no Extremo Oriente e que foram publicadas postumamente com o título *Peregrinações*. Fernão Mendes Pinto, ao visitar o reino de Bungo, descobre o milagroso Bonzo Pomada, que é capaz de construir argumentos discursivos falsos para convencer outras pessoas.

<sup>11</sup> Na nota de página letra C do conto, Machado de Assis explica o termo: “o bonzo do meu escrito chama-se Pomada, e pomadista os seus sectários. Pomada e pomadista são locuções familiares da nossa terra: é o nome local do charlatão e do charlatanismo” (op. cit., p. 162).

análises, Juiz de Fora, nesse período, foi o maior centro comercial e industrial das Minas Gerais. Tanto que novas abordagens historiográficas estão revendo o poderio econômico juiz-forano desse período e rediscutindo as análises da historiografia tradicional (PIRES, 2004; 2008).

O próprio relatório do engenheiro Aarão Reis aponta determinados itens que impossibilitariam a cidade de Juiz de Fora de sediar a capital do Estado.

[...] sendo de fácil eliminação as causas que, de presente, ameaçam a salubridade de Juiz de Fora e dispendo essa localidade de excelentes condições para abrigar confortavelmente enorme população, é inegável que se acha em condições de pretender ser a sede administrativa e política do Estado, em que já é a principal e mais importante cidade. Sua colocação, porém, aquém da Mantiqueira e afastada, portanto, do verdadeiro centro territorial mineiro, sua inconveniente proximidade da Capital Federal, nos limites quase do Estado de Minas com o Rio de Janeiro, suas tendências já acentuadamente comerciais e industriais, o próprio rápido desenvolvimento que lhe assegura sua posição, e até o fato de ir ser muito breve a sede aduaneira do Estado, tudo aconselha que não seja a escolhida para a nova capital (REIS, 1893 *apud* BARRETO, 1936, p. 396).

Outra cidade que merece destaque na peça é Barbacena, citada como a *cidade da ventania*. Essa característica é devido à sua localização geográfica na serra da Mantiqueira, no local de um antigo sítio de índios Puris, na região conhecida como Campos das Vertentes. Sua altitude é de, aproximadamente, 1.126 metros e tem um clima tropical de altitude com verões amenos e inverno frio. A ocupação e a construção do espaço urbano da região central da cidade transformaram alguns cruzamentos entre suas ruas numa espécie de canal para circulação dos ventos. Em determinados períodos do ano a travessia de pedestres nesses cruzamentos, ou melhor, nesses canais, trazem incômodos tanto pelo frio quanto pelo vento.

O clima de Barbacena é dos mais afamados: é fresco e a atmosfera é variada, em todas as direções, por ventos constantes. [...] São Constantes os ventos que sopram de N. E. para N. S. E. e E. Estes

ventos são geralmente frios.

Durante os meses de janeiro, fevereiro e março predominam os ventos quentes. Os ventos de S. e S. W. são raros, e isto é devido à Serra do Mar e à da Mantiqueira e seus contrafortes, que não os deixam soprar livremente (RENAULT, 1908, p. 22-3).

Já a região Várzea do Marçal, também citada na peça, local cogitado pelos inconfindentes para ser a capital do país e, posteriormente, indicada para a capital de Minas, foi a região destinada para localização da colônia de italianos em São João del-Rei.

Trata-se de uma bela planície, com uma largura variando de 250 metros a 2 quilômetros, cuja área admitia-se abrigar mais de 300 mil moradores. Divide-se em duas partes, uma do Lenheiro ao rio das Mortes e a outra daí ao rio Carandaí. Essa segunda parte é de particular beleza, causando enlevo e admiração a visitantes estrangeiros que em épocas remotas a visitaram, como Auguste de S. Hilaire (BUZATTI, 1990).<sup>12</sup>

Na peça, a Colônia do Marçal é nomeada, por ela mesma, como a localidade da *família das papa laranjas*. Esse termo pejorativo e que não consta na historiografia mineira oficial tem tom de insulto às pessoas que residiam naquele lugar. Talvez, por esse motivo, o próprio personagem *Colônia do Marçal* se autodenomine papa laranja, como tentativa de amenizar o insulto e utilizar um recurso cômico. Possivelmente, a origem dessa expressão esteja vinculada às abundantes plantações dessa fruta na Colônia, mas, ao mesmo tempo, indicava a pobreza em que os italianos viviam nas terras são-joanenses, já que, na impossibilidade de adquirir outros alimentos, recorriam a essa fruta para o seu cardápio cotidiano.<sup>13</sup>

Na cena em questão, o personagem Juiz de Fora diz à Colônia do Marçal para cuidar das poeiras atmosféricas ou dos lençóis de *água* “que poderão servir para outras cousas, menos para a cama da Capital”. Essa afirmação

<sup>12</sup> Esse livro foi lançado no ano de 1988 (edição esgotada), durante as comemorações do centenário de instalação do Núcleo Colonial italiano em São João del-Rei. O livro pode ser acessado em dois sites. Ressalto que somente no site <http://www.ponteentreculturas.com.br/media/raizesitalianas.pdf> o texto está completo. Já o endereço eletrônico <http://www.saojoaodelreitransparente.com.br/ptresearches/View.php?researchesID=4> traz incorreções em sua formatação. Acesso em 28/11/08.

<sup>13</sup> Agradeço as indicações feitas pelo professor Dauro Buzzatti (PUC/Minas).

faz referência ao episódio que foi relatado na revista *A Locomotiva*, fundada por Altivo Rodrigues Sette Câmara<sup>14</sup> e Basílio de Magalhães que, em 1890, registraram a destruição da serra no local onde fica a Casa da Pedra (HENRIQUE, 2003, p.70).<sup>15</sup>

Como contraponto a essas representações das cidades mineiras e mesmo para reafirmar as possibilidades de São João del-Rei ser a melhor escolha para sediar a capital do Estado, a cidade de Ouro Preto (Cena 4 do Ato I) apresenta a cidade de São João para um congressista citando versos de Bernardo Guimarães.

A formosa odalisca, que no dizes elegante do meu inditoso poeta Bernardo Guimarães, abre as portas às magníficas regiões do sul de Minas, atravessa e risonha pastorinha que pousada sobre a pelúcia verde dos prados, como que está dizendo ao viandante fatigado, vem aos meus braços... é a cidade de São João del-Rei! (PAIVA, M., 1893, f. 9v.)

A referência ao poeta é feita por meio da obra *Maurício ou Os Paulistas em São João del Rey* (1877), mais especificamente ao capítulo intitulado *São João del-Rei*. Esse romance de costumes narra o episódio da Guerra dos Emboabas.<sup>16</sup>

Já os números musicais da peça também serviram como importante elemento cênico e dramático para as tentativas de apaziguamento entre as cidades. Dos dezenove números é possível apontar alguns que foram retirados ou adaptados de outras obras literárias ou peças teatrais. Como por exemplo, na Cena 1 do Ato 3, a cidade de São João, na tentativa de amenizar as dores de Ouro Preto por não ser mais a capital do Estado, solicita ao personagem Rio de Janeiro que cante uma das “canções desopilantes, algum

<sup>14</sup> Importante não confundir o fundador da revista com o seu irmão Altivo Lemos Sette Câmara. O pai dos irmãos Altivo foi fundador do jornal republicano *Pátria Mineira* (1889-1894). Esse jornal é considerado o mais importante do interior do Brasil, pois foi o pioneiro desse movimento em Minas Gerais.

<sup>15</sup> A Casa da Pedra é uma gruta com seis galerias aberta no calcário. Devido ao seu aspecto e aos vários repartimentos recebeu tal denominação. Está localizada a quatro quilômetros da cidade de Tiradentes e a oito de São João del-Rei.

<sup>16</sup> No romance o autor anuncia para o leitor que aquele que desejasse saber qual o destino final de Maurício e de seus companheiros deveria ler sua outra obra intitulada *O Bandido do Rio das Mortes* (1905), romance histórico publicado postumamente graças aos esforços de sua esposa D. Tereza Guimarães.

trecho de opera-buffa, algum rondó estripitoso” para dissipar a “melancolia profunda” de Ouro Preto. A sugestão musical dada pela Capital Federal é o *tango das laranjas da Sabina*. Essa música foi incluída, pela primeira vez, na revista *República* (1890), de Arthur Azevedo e seu irmão Aluísio Azevedo, e cantada pela atriz Ana Manarezzi. Neyde Veneziano (1991, p. 126) afirma que mesmo sendo a peça escrita a quatro mãos, pode-se afirmar que a letra da música é “reconhecidamente de Arthur Azevedo”. Na peça são-joanense, ao ser anunciada a música, a personagem Cidade de Campanha passa a descrever o fato que desencadeou a criação musical: “o sucesso mais engraçado d’estes ultimos tempos e que deu causa aquella celebre manifestação dos estudantes de medicina”.

Sou a Sabina  
Sou encontrada  
Todos os dias lá na calçada  
Lá na calçada  
Dá academia, da academia  
De medicina.  
O sr. Subdelegado  
Homem muito resigüeiro  
Mandou-me por duas praças  
Retirar meu tabuleiro  
Ai!  
Sem banana macaco se arranja  
E bem passa o monarca sem canga (bis)  
Mas estudantes de medicina  
Já não podem passar  
Sem laranjas da Sabina (bis)  
[...]  
Os rapazes arranjaram  
Uma grande passeata  
Onde ahi todos mostraram  
Que o ridícula também mata  
Ai!  
Sem banana – etc. (canta e requebro geral) (PAIVA, M., 1893, f.52-3).

Após esse tango inicia-se novo diálogo entre as cidades na tentativa de descobrir se Ouro Preto ainda permanecia triste com a perda da sede da capital. Quando Ouro Preto começa, novamente, a reclamar, Rio de Janeiro elogia, junto com as outras cidades, os melhoramentos urbanos ocorridos em São João del-Rei.

C. DO RIO – Mas é verdade. Ainda não te dei os meus sinceros parabens pelos teus melhoramentos, pelo teu notável progresso. Caspíte, m<sup>a</sup> bella Princeza. O teu córrego do Lenheiro tem tomado assim o aspecto do pittoresco riacho que atravessa Petropolis; o nivelamento do leito da praia guarnecido de competente caes... com paredões de tijolos emcimados com pedra plástica... Sim senhora, progredir; assim é que é progredir.

OLIVEIRA – Uma formosa ponte de ferro emfrente a estação!

B. SUCESSO – Uma boa praça de mercado

CAMPANHA – Um boulevard pittoresco ao longo do caes, com passeio de ambos os lados!

TURVO – A fabrica de cerveja nacional de Carlos Muller.

TIRADENTES – A Fabrica de telhas e tijolos do capitão Miguel Archanjo!

OLIVEIRA – A fabrica de louça do Dr. Hermilio Alves!

LAVRAS – A distilação a vapor de Manoel Anselmo!

BAEPENDY – A fabrica de tecidos do Dr. Costa Rodrigues. Mas por fallar nisto a fabrica está trabalhando? Já chegou o fio? (PAIVA, M., 1893, f.53v e 54)

Após tantos elogios, a cidade de Ouro Preto começa a reclamar dos melhoramentos e de quem fala sobre eles.

O. PRETO – Estou farto dos teus melhoramentos. E mais de quem os diz aos quatro cantos. Adeus, eu vou partir, até mais ver. Talvez que eu volte: quem pode-o saber?

C. DO RIO – Não, é melhor não voltar...

TODOS – Adeus (fingindo tristeza) Ah! (choram)

O. PRETO – Choram? Essa é melhor, juro que vou chorando, quem riu muito e mais chorou (*ibidem*, f.54v).

Outra música de Arthur Azevedo encerra a cena em questão; no entanto, dessa vez, a peça homenageada é a *Viagem ao Parnaso* (1891) – Cena VI, do Quadro II, do Ato I.

Papai vai fazer viagem  
Sosinhos vamos ficar  
Talvez nos falte a coragem  
Para a ausência suportar  
Ai! Ai!

Papai lá vae lá vae

Ai! Ai!

Papai lá vae lá vae

Adeus! Adeus! Adeus!

O. PRETO – Não chorem, senão eu choro

E não desejo chorar

Soceguem não me demoro

Em breve ei de ca voltar) bis  
CORO – Ai! Ai!  
Papai lá vae lá vae (bis, etc.)  
Papae já foi embora  
Caiamos no cancan  
Dancemos pois agora  
Até pela manhã (*Ibidem*, f. 54v-55v).

Quanto aos melhoramentos apontados acima, apenas faremos referência neste espaço à “fábrica de tecidos do Dr. Costa Rodrigues”. Na realidade, o Dr. Antônio Moreira da Costa Rodrigues e mais 70 sócios constituíram, em São João del-Rei, em 5 de fevereiro de 1891, a Companhia Industrial São joanense (GAIO SOBRINHO, 1997, p. 72; GRAÇA FILHO, 2002, p. 66; OLIVEIRA, 1996, p. 235-260). Na literatura mineira existe uma discussão sobre a definição das datas que devem ser consideradas como de fundação de uma indústria, pois o marco inicial pode ser o dia da decisão da construção, assim como a data em que os recursos para a instalação foram disponibilizados ou, ainda, o dia do início das operações (OLIVEIRA, 1995, p. 178). Em Minas Gerais, durante o século XIX, predominou uma variação de dois a cinco anos entre a decisão de construir uma fábrica e o início de suas atividades.

Tudo indica que em São João del-Rei também existiu uma diferença entre as datas, pois de acordo com a fala do personagem *Baependy*, que, na realidade, é uma pergunta – “mas por fallar nisto a fabrica está trabalhando? Já chegou o fio?” – pode-se inferir duas questões: (i) as datas em São João del-Rei confirmam a dificuldade em estabelecer o dia de inauguração da fábrica; (ii) a fala de *Baependy* é apenas um recurso cômico, devido à demora do início das atividades da indústria têxtil, mas, talvez, não indique que até a data do espetáculo teatral a indústria têxtil são-joanense ainda não estivesse funcionando.

De acordo com Cintra (1982, p. 149), o dia 5 de fevereiro de 1891 foi a data de “instalação, num dos salões do Banco Popular de Minas Gerais, da Companhia Industrial S. Joanense, constituída para o fim de estabelecer nesta cid. uma fábrica de tecidos”, portanto, nesse dia foi formada a

sociedade anônima com o intuito de construir a fábrica que teve seu Estatuto publicado no Minas Gerais em 25 de fevereiro de 1891. Nesse mesmo ano, no mês de agosto, teares e outros materiais foram recebidos no Rio de Janeiro pela alfândega. O primeiro pagamento realizado pela fábrica foi feito no mês de novembro ao tecelão inglês George Edward Tates pelos serviços prestados de montagem e instrução sobre o uso dos maquinários.

No álbum organizado por André Bello (1918) existe uma propaganda da companhia que, além de confirmar o ano de 1891 como o de fundação da fábrica, traz outras informações: (i) 84 teares, (ii) 180 operários, (iii) média de produção de três mil metros diários, (iv) fábrica especializada em flanelas, cobertores, brins, sortidos, zepholes etc. De acordo com o panfleto comemorativo do centenário da companhia (1991), o registro da primeira produção de tecidos foi realizado em dezembro de 1892, e seu escoamento foi feito pela Estrada de Ferro Oeste de Minas (EFOM).

No entanto, apesar das informações acima, a Prefeitura Municipal de São João del-Rei, por meio de seu Portal Oficial do Governo Municipal, afirma nos *links* “História” e “São João del-Rei, Capital brasileira da cultura” que o ano de instalação da Companhia Industrial São Joanense de Fiação e Tecelagem foi o de 1893.<sup>17</sup>

## Conclusões

As peças de teatro de revista, com suas estruturas e convenções, trazem a possibilidade de pensá-las como documento histórico, obviamente dadas às suas características um documento fragmentado, incompleto e permeado de alusões. Essas peças são entendidas como documento quando, em suas análises, pode-se fazer uma crítica buscando entender as circunstâncias em que surgiram. Além disso, é necessário pensar as escolhas realizadas pelos próprios estudiosos em relação às abordagens metodoló-

<sup>17</sup> Ver: <http://www.saojoaodelrei.mg.gov.br>

gicas que analisam tais documentos.

Nesse sentido, é necessário fazer uma distinção entre o “real acontecido” e a história como uma narrativa que quer representar, por meio de textos e imagens, os fatos do passado, pois esses registros chegam ao tempo presente como representações de um passado. Isso quer significar que não existe uma única forma de compreensão e recuperação do passado.

Vale ressaltar que qualquer olhar imediato perceberá a inequívoca relação existente entre o espaço cênico criado nas peças de teatro de revista e o espaço urbano, visto que um dos principais personagens desse gênero teatral é a cidade re-visitada. Além de um dos personagens ser a própria cidade, os enredos revisteiros se aproximam tanto das crônicas jornalísticas quanto do trabalho dos historiadores, por registrarem uma infinidade de recortes cotidianos do real.

Dessa forma, a peça de teatro *A mudança da capital*, com seu *leitmotiv*- definição política do local que iria sediar a capital do Estado de Minas Gerais e a apresentação de São João del-Rei como a melhor opção para sediá-la -, assunto de enorme importância e que envolveu disputas políticas durante vários anos, demonstra que o gênero teatral revista chegou a São João del-Rei de forma cômica e popular representando as virtudes e as mazelas da cidade. Além, obviamente, de apresentar imagens que as cidades envolvidas na disputa política faziam entre si e que, por distintos motivos, perderam-se no tempo.

## Referências

- ASSIS, M. de. O segredo do Bonzo. In: *Papéis avulsos*. São Paulo: Martin Claret, 2007. p. 102-8.
- ASTRO DE MINAS. São João del-Rei, 20 maio 1834.
- ARAÚJO, F. Bócio endêmico, Baeta Vianna e Juscelino Kubitschek. *Revista Médica Minas Gerais*. v. 14, n. 2, p. 131-33, abr./jun., 2004.
- ARAUUTO DE MINAS. São João del-Rei, 14 jul. 1878.
- ARAUUTO DE MINAS. São João del-Rei, 17 maio 1884.
- BARRETO, A. *Bello Horizonte, memória histórica e descritiva: história antiga*. Belo Horizonte: Rex, 1936.
- BRASIL. Decreto n. 4.666, de 4 de janeiro de 1871. Coleção das Leis do Império do Brasil de 1871. Tomo XXXIV, Parte II. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1871, p. 9-11. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/internet/infdoc/conteudo/colecoes/legislacao/legim ped-06/leis1871/pdf23.pdf>
- BUZATTI, D. J. *Raízes italianas em São João del-Rei*. [S.l.]: TECNIGRAF, 1990.
- CAPRI, R.; BELLO, A. (Org.). *Álbum de São João D'El-Rey*. São Paulo: Pocaí & Comp., 1918.
- CHARTIER, R. El pasado em el presente: literatura, memória e historia. *ArtCultura*, Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História, v. 8, n. 13, p. 7-19, jul./dez., 2006.

CINTRA, S. de O. *Efemérides de São João del-Rei*. 2. ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1982.

CÓDIGO DE POSTURAS E REGIMENTO INTERNO DA CÂMARA DE SÃO JOÃO DEL-REI, 1887. In: VENÂNCIO, R. P., ARAÚJO, M. M. *São João del-Rei, uma cidade no império*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Arquivo Público Mineiro, 2007.

DUARTE, R. H. *Noites Circenses: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX*. Campinas: Unicamp, 1995.

FONSECA, L. M. A. da (Org.). *Notícias do Padre Mestre Correia de Almeida nos Jornais de Barbacena*, período 1881-1905. Barbacena: Centro Gráfico e Editora, 2003.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2008.

GAIO SOBRINHO, A. *História do comércio em São João del-Rei*.: São João del-Rei: [s. n.], 1997.

GUERRA, A. *Pequena história de teatro, circo, música e variedades em São João del-Rei – 1917 a 1967*. Juiz de Fora: Lar Católico, (s/d.).

GRAÇA FILHO, A. de A. *A princesa do Oeste e o mito da decadência de Minas Gerais: São João del-Rei (1831-1888)*. São Paulo: Annablume, 2002.

GUIMARÃES, B. M. A concepção e o projeto de Belo Horizonte: uma utopia de Aarão Reis. RIBEIRO, L. C. de Q.; PECHMAN, R. (Orgs.). *Cidade, povo, nação: gênese do urbanismo moderno*. Rio de Janeiro: Civilização, 1996, p.123-40.

GUIMARAES, B. *Maurício ou os paulistas em S. João D'El-Rei*. Rio de Janeiro: Garnier, 1877.

GUIMARÃES, B. *O Bandido do Rio das Mortes*. Romance Histórico em continuação a *Maurício ou Os Paulistas em S. João d'El-Rey*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1905.

HENRIQUE, J. C. *Bairro de Matosinhos: berço da cidade de São João del-Rei*. São João del-Rei: UFSJ, 2003, p.70.

LIMA, J. H. *Café e indústria em Minas Gerais 1879-1920*. Vozes: Rio de Janeiro, 1971.

LINHARES, J. N. *Mudança da capital: apontamentos históricos*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais. Ano 10, v. 1,2, jan./jun., 1905.

OLIVEIRA, M. T. R. de. Formas de Organização da Propriedade na Indústria Têxtil Mineira do Século XIX. In: VII SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA, 1995, Diamantina, MG. *Anais...* Belo Horizonte: Cedeplar/UFMG, 1995.

OLIVEIRA, M. T. R. de. Indústria Têxtil Mineira no Século XIX. In: SILVA, S. S.; SZMRECSÁNYI, T. (Org.). *História Econômica da Primeira República*. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial de São Paulo; HUCITEC, 1996, v.3.

PAIVA, M. de. *A mudança da capital*. São João del-Rei, 1893. 100f.

PAIVA, S. C. de. *Viva o rebolado: vida e morte do teatro de revista*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

PIRES, A. *Café, finanças e bancos: uma análise do sistema financeiro da Zona da Mata de Minas Gerais (1880/1930)*. 2004, 407 f. Tese (Doutoramento em História) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

PIRES, A. Complexo cafeeiro e estrutura financeira: uma observação sobre a economia da Zona da Mata de Minas Gerais (1889/1930). *Locus: Revista de História, UFJF: Juiz de Fora*, v. 14, n. 1, p. 221-251, 2008.

REIS, A. *Relatório Oficial*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893. Arquivo Público Mineiro.

RENAULT, L. *Chorografia do município de Barbacena*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1908, v. 13, p. 22-3. Arquivo Público Mineiro.

ROCHA JÚNIOR, A. F. da. Teatro brasileiro de revista: de Artur Azevedo a São João del-Rei. 2002, 321 f. Tese (Doutorado em Artes) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo, 2002.

TECENDO A HISTÓRIA DA COMPANHIA TÊXTIL SÃO JOANENSE: 1891/1991. São João del-Rei, 1991. (Panfleto)

VENEZIANO, N. *O teatro de revista no Brasil: dramaturgia e convenções*. Campinas: Pontes: UNICAMP, 1991.

***The changing of the capital:*  
representation of the cities  
candidates to capital  
of Minas Gerais**

**Abstract**

In 1893, in São João del-Rei, it was written and played the first teatro de revista, named *A mudança da capital* (literal translation: *The changing of the capital*), by Modesto de Paiva. The play has as leitmotiv the political disputes among the cities which were contesting to be the seat of the capital of Minas Gerais. This reflection aims to discuss the representative images elaborated for those cities departing from a contextualization of this kind of drama and the city of São João del-Rei.

**Keywords:** teatro de revista; the changing of capital; São João del-Rei.

Artigo recebido em: 8/5/9

Aprovado para publicação em: 21/5/9